



**AS VINCULAÇÕES ROMÂNTICAS E A QUALIDADE DAS RELAÇÕES  
DOS CASAIS JOVENS ADULTOS**

BEATRIZ SIMÕES MOTA

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**Orientador de Dissertação:**

PROF.<sup>a</sup> DOUTORA MARIA GOUVEIA PEREIRA

**Professor de Seminário de Dissertação:**

PROF.<sup>a</sup> DOUTORA MARIA GOUVEIA PEREIRA

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:  
MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA

2024

Dissertação de Mestrado  
realizada sob a orientação da  
Prof<sup>a</sup> Doutora Maria Gouveia Pereira  
apresentada no Ispa – Instituto Universitário  
para obtenção de grau de Mestre  
na especialidade de Psicologia Clínica.

## **Agradecimentos**

À Prof. Doutora Maria Gouveia Pereira por todo o apoio e orientação ao longo destes intensos meses, principalmente obrigada pela exigência e confiança neste projeto.

Ao ISPA que foi uma segunda casa, e todos os docentes e amigos que foram uma segunda família ajudaram-me a tornar-me uma melhor Psicóloga. Às minhas colegas do seminário, em especial à Filipa Santos, que em todos os momentos nos amparamos uma outra e aprendemos o verdadeiro significado de confiar no processo.

À minha mãe que ouviu os meus desabafos, ajudou-me a acalmar as ideias sempre que era necessário, esteve sempre lá para mim, obrigada pela tua santa paciência e por me mostrares o orgulho que sou para ti.

Ao Afonso, o meu namorado, que dizia determinado “tu vais conseguir, tu consegues tudo”, e foi sempre o primeiro a dar-me colo. Obrigada, é pouco para agradecer todo o teu apoio!

Às minhas amigas que estiveram cá durante todo o processo, e que prescindiram de muitas saídas comigo para este sonho se tornar concretizado. À Renata que me incentivou sempre a continuar. À Joana Fialho que sofreu as minhas dores e foi a companheira de tardes a trabalhar na tese, mesmo que em áreas completamente distintas, somos quase mestres, amiga. À Megui e à Joana, que mesmo do outro lado da margem estiveram sempre presentes e me apoiaram, esta jornada foi tão mais bonita convosco. À Nathalie que confiou em mim, persistiu em dizer-me que tinha capacidades para isto e muito mais, eu só não podia controlar todo o processo.

Ao meu pai que não imagina o trabalho exigente que este projeto foi, embora saiba que estou feliz por o concretizar.

Ao Nuno, o padrasto diferente dos contos infantis, que tem sempre as atitudes certas nos momentos em que são necessárias.

À minha coelha Mel, que chegou no início desta jornada e foi a minha companheira de todas as horas ao computador deitada no meu colo.

Aos meus avós, que passaram muitos almoços sozinhos para eu puder concluir este sonho com sucesso e dedicação. Ao meu avô Simões, a minha estrelinha, sei que continuas a olhar por mim e certamente estarás muito orgulhoso de me ver chegar aqui.

## Resumo

A evidência empírica revela que o conflito interparental impacta nas relações amorosas dos jovens adultos, ao nível da vinculação romântica, da qualidade da relação, bem como na adoção de estratégias de coping diádico positivas. Contudo, a literatura continua com poucos estudos que analisem em conjunto o impacto destas variáveis no casal. O presente estudo teve como objetivo analisar o papel do conflito interparental nas vinculações românticas, na qualidade da relação amorosa e na adoção de estratégias de coping diádico positivos em casais jovens adultos, no contexto português. Neste estudo, participaram 89 casais heterossexuais com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, maioria solteiros e sem filhos. Os resultados demonstraram que não existem diferenças significativas entre os homens e as mulheres de cada casal relativamente à intensidade experienciada no conflito interparental, contudo, verificam-se diferenças significativas na culpa percebida e nas estratégias de eficácia que são adotadas face ao conflito interparental, sendo as mulheres as que se sentem mais culpabilizadas e as que adotam mais estratégias de eficácia. As vinculações seguras não mediaram a relação entre os conflitos interparentais e a qualidade da relação, mas a vinculação segura relacionou-se positiva e significativamente com a qualidade das relações amorosas no casal. E as estratégias de coping diádico positivo e a vinculação segura são fatores protetores da qualidade da relação amorosa, enquanto a culpa representa um fator de risco. Os resultados são discutidos à luz da teoria, enquanto são apontadas algumas limitações, feitas algumas propostas para estudos futuros e apresentadas implicações clínicas.

**Palavras-chave:** Conflito Interparental; Vinculações românticas; Qualidade das Relações Amorosas; Coping Diádico; Casais

## Abstract

Empirical evidence reveals that interparental conflict impacts in the romantic relationships of young adults, in terms of romantic attachment, relationship quality and the adoption of positive dyadic *coping* strategies. However, there are still few research studies, that jointly analyse the impact of these variables on the couple. The of the present study aimed to analyse in the Portuguese context, the role of interparental conflict within romantic bonds, in the quality of the romantic relationship and in the adoption of positive dyadic *coping* strategies in young adult couples. In this study, 89 heterosexual couples with ages ranged between 18 and 30 participated, most of them as single and without children. The results demonstrated that there are not significant differences between men and women in each couple, regarding the intensity experienced in interparental conflict, however, there are significant differences in how guilty is perceived and in the effectiveness strategies adopted to deal with interparental conflict, in which women are the ones who feel the guiltiest and also the ones who adopt the most of effectiveness strategies. The secure attachment didn't mediate the relationship between interparental conflict and the relationship quality, but the secure attachment was positively and significantly related to the quality of the couple's romantic relationships. Then, the positive dyadic *coping* strategies and a secure attachment are protective factors for the quality of the romantic relationship, while guilt represents a risk factor. The results are discussed considering the theory, while some limitations are pointed out, some proposals for future studies and present the clinical implications.

**Keywords:** Interparental Conflict; Romantic Attachment; Relationship Quality; Dyadic Coping; Couples

## Índice

Introdução .....	6
Idade adulta emergente .....	6
Conflito interparental .....	6
Vinculações românticas .....	8
Qualidade das relações amorosas.....	9
Coping diádico .....	10
Presente estudo .....	12
Método.....	13
<i>Participantes</i> .....	13
<i>Medidas</i> .....	13
<i>Questionário sociodemográfico</i> .....	14
<i>Escala de Qualidade Relacional Percebida</i> .....	14
<i>Escala de Percepção sobre a Conflitualidade Interparental</i> .....	14
<i>Experiências nas Relações Próximas – Estruturas Relacionais (ERP-ER)</i> .....	15
<i>Inventário de Coping Diádico</i> .....	15
Procedimento .....	16
Resultados.....	17
Discussão .....	21
Limitações e estudos futuros.....	24
Implicações Práticas .....	25
Referências .....	26

## Índice de tabelas

<b>Tabela 1</b> - Estatísticas descritivas e correlações bivariadas entre as variáveis no Casal.....	19
<b>Tabela 2</b> - Preditores na qualidade da relação amorosa do Casal.....	21

## **Introdução**

### **Idade adulta emergente**

A sociedade contemporânea tem vindo a sofrer transformações, nomeadamente ao nível do ciclo de vida familiar e conjugal. A linha ténue entre o período da adolescência e a idade adulta tem sido cada vez mais prolongada no tempo. Deste modo, tornou-se necessário delimitar um período entre a adolescência e a idade adulta, sendo designado por “idade adulta emergente” (Arnett, 2000). Este período é demarcado “tanto pelo medo e incerteza como pela liberdade” (Arnett, 2004). Ainda de acordo com Arnett (2000) é uma fase muito autocentrada, marcada pela exploração da identidade e da procura de respostas aos seus compromissos sociais e relacionais. Por esse motivo, muitos autores (e.g. Sagkal & Odzemir, 2019) tem vindo a delimitar a idade adulta emergente entre os 18 e os 25 anos. Contudo devido a uma maior participação no ensino superior, ao adiamento da saída de casa dos pais, o contacto com outras vivências culturais e sociais, a procura de emprego mais tardia, o casamento e a parentalidade (Arnett, 2000; Fincham & Cui, 2010) alguns estudos (e.g. Correia & Mota, 2016; Zhao et al., 2023) tem vindo a prolongar o estudo desta idade até aos 30 anos. A idade adulta emergente é também um período vincado pela exploração das relações amorosas, mais especificamente ao nível da formação de novas relações ou, da manutenção de relações já estabelecidas. Os jovens adultos são um grupo peculiar visto que, se situam entre o facto de já terem experienciado as suas primeiras relações amorosas e se encontrarem numa fase de transição que posteriormente levará à formação da sua família (Fermani et al., 2019).

### **Conflito interparental**

O conflito interparental é um conceito multidimensional considerado como um fator de desajustamento significativo tanto em crianças, como em jovens adultos (OMS, 2004). O conflito interparental é um construto que inclui medidas de desacordo e agressão, quer verbais, quer psicológicas e/ou físicas (Li et al., 2023) das quais pode destacar-se a frequência, o conteúdo e a intensidade das agressões verbais (e.g. discussões) ou físicas (e.g. brigas) na díade parental (Grynych & Fincham, 1992). No conflito interparental podem salientar-se ainda outras dimensões como a Resolução, a Perceção de Ameaça, a Eficácia e a Culpa (Moura et al., 2010). Este construto é referido também como qualquer interação interparental maior ou menor que possa envolver uma opinião divergente, quer esta seja maioritariamente negativa ou positiva (Cummings & Davies, 2010).

O conflito interparental é representado por uma associação negativa a menores níveis de satisfação e qualidade nas relações amorosas dos seus filhos (Braithwaite et al., 2016). Isto porque, a família e a relação parental do casal são um dos ambientes onde se inicia a conceptualização dos esquemas relacionais, nomeadamente a representação do funcionamento das relações amorosas (Etxeberria et al., 2020).

Ainda assim, os estudos comprovam que este impacto é variável consoante a intensidade e a resolução do conflito. Assim, episódios de conflito interparental menos intensos e que sejam resolvidos de forma construtiva podem não proporcionar um desajuste emocional aos elementos do meio familiar (Grych & Fincham, 1990; Mota & Martins, 2018). Este resultado indica que o modo de resolução de conflitos pelos pais acaba por influenciar os filhos relativamente às suas estratégias de resolução, pois quanto mais negativa é a resolução utilizada pelos pais, maior a tendência de os filhos também adotarem estratégias de resolução negativas, e o mesmo acontece se as estratégias adotadas forem de conotação positiva (Mota e Martins, 2018). Além disso, a investigação acrescenta que existem diferenças entre sexos face à intensidade da experiência de conflito interparental, visto que existem diferenças entre os homens e as mulheres quando expostos a um nível de conflito interparental intenso (Ruel et al., 2020).

A exposição contínua ao conflito interparental tem de facto influenciado negativamente os relacionamentos amorosos dos jovens adultos (Cui & Finchman, 2010). Sendo que, esta influência ocorre em diferentes níveis, tanto na qualidade das relações amorosas, como nos estilos de vinculação romântica mais inseguros (Etxeberria et al., 2020; Li et al., 2020; Picci et al., 2019). A exposição prolongada a este conflito poderá mesmo contribuir para o desenvolvimento de relações caracterizadas por um medo de abandono (Turner & Kopiec, 2006), associado a um estilo de vinculação inseguro (Tolmacz et al., 2022). Sabe-se também que, esta relação intensifica-se quando os episódios de conflito interparental são marcados por uma elevada frequência e intensidade (Mota & Martins, 2018), o que conseqüentemente torna também mais significativa a diminuição da qualidade da relação amorosa dos jovens adultos (Li et al., 2020; Mota & Martins, 2018; Sagkal & Odzemir, 2019). Por último, mas não menos importante, o conflito interparental é maioritariamente um fator impeditivo de utilização de estratégias de coping diádico, contribuindo deste modo para um menor nível de qualidade das relações amorosas (Priego-Ojeda & Rusu, 2023).

## **Vinculações românticas**

A idade adulta emergente é representativa de um momento crucial e crítico para o desenvolvimento de vínculos românticos, uma vez que este é um período demarcado pela exploração da identidade (Erikson, 1968). Para compreender as vinculações românticas é crucial explorar a teoria da vinculação primária. Esta teoria mostra que cada pessoa constrói o seu modelo interno de funcionamento afetivo e um padrão de interação com outras pessoas, com base nas suas experiências da primeira infância (Ainsworth et al., 1978; Bowlby, 1969). Uma vez que, através das interações contínuas com os cuidadores e outras pessoas, a criança absorve a informação e desenvolve o modelo de trabalho interno sobre o que deve ou não esperar dos outros (Bowlby, 1969).

Sabe-se que as relações precocemente estabelecidas entre a criança e a(s) sua(s) figura(s) de vinculação podem ser entendidas como prototípicas das relações amorosas na idade adulta, sendo que partilham a maioria das características emocionais e comportamentais (Bowlby, 1969; Crowell et al., 2008). Além de que, a existência de uma vinculação segura conotada de apoio e amor das figuras significativas potenciam a co-construção de modelos internos seguros nas relações futuras, nomeadamente as de cariz romântico (Hazan & Shaver, 1987).

Assim, surge o nascimento da teoria da vinculação romântica, esta teoria descreve a regulação do afeto de cada indivíduo, influencia a natureza e a qualidade de apoio mútuo entre parceiros românticos (Shazra & Ryaz, 2022). De acordo com esta teoria, o sistema de vinculação ativa-se perante o stress, e quando isso sucede, os indivíduos recorrem a figuras de vinculação romântica para restabelecer a sua segurança através da procura da proximidade (Sutton, 2019). Até porque, a literatura mostra que em momentos de grande stress, a forma como as pessoas importantes da vida de cada indivíduo reagem permite a moldação das suas expectativas, crenças e atitudes acerca dos seus futuros relacionamentos, o que é também impulsionador da internalização do modelo de trabalho interno (Bowlby, 1969; 1973).

Os estilos de vinculação são mais reconhecidos na infância, com as designações: seguro, ansioso e evitante, estes dois últimos são considerados estilos de vinculação insegura (Ainsworth et al., 1978; Bowlby, 1969). Devido aos estudos de Hazan & Shaver (1987) tornou-se possível compreender que estes estilos prevalecem para a idade adulta e que a vinculação influencia as relações amorosas. No entanto, na idade adulta diferem na forma como o amor romântico é vivido e tornam-se representativos do vínculo ao

parceiro romântico. As relações amorosas caracterizam-se pela confiança, suporte mútuo, interdependência e qualidade. Contudo, quando esta vinculação primária é representativa de uma relação mais ansiosa ou evitante e demarcada com um fraco apoio, os jovens estabelecem uma relação mais ambivalente e instável com o seu parceiro romântico (Waters & Cummings, 2000).

Os indivíduos com uma vinculação romântica segura são os que sentem confiança com o seu parceiro e confortáveis com a intimidade, descrevendo as suas relações como felizes (Hazan & Shaver, 1994). Já os indivíduos com uma vinculação evitante receiam a intimidade e a proximidade, evitando mesmo os relacionamentos (McLeod et al., 2020). Os indivíduos com uma vinculação ansiosa pretendem alcançar um nível muito alto de reciprocidade e proximidade no seu relacionamento, tem muito medo do abandono (Mullinax & Turner, 2024). A literatura mostra que, ao contrário, os indivíduos com uma vinculação segura apresentam um maior compromisso e estabilidade nas suas relações amorosas em comparação com os que apresentam uma vinculação insegura. Por consequência, verifica-se simultaneamente uma maior qualidade nas suas relações, percecionando-as de forma mais próxima e mais positiva (Sutton, 2019).

### **Qualidade das relações amorosas**

A qualidade da relação amorosa refere-se aos sentimentos dos indivíduos sobre as suas experiências emocionais e interação com o seu parceiro romântico (Morry et al., 2010). Pode diferenciar-se em qualidade positiva e negativa, destacando-se companheirismo, intimidade, confiança, satisfação, compromisso, validação, cuidar, paixão, amor e capacidade de resolução do conflito como positiva (Crespo, 2007), ou ao contrário pode ser relações amorosas negativas, tais como poder, ciúme, rivalidade e conflito (Kochendorfer & Kerns, 2020). Estas relações negativas envolvem essencialmente zanga e incompatibilidade com o parceiro (Farooqi, 2014). Todas estas dimensões representam um vasto conjunto de sentimentos e emoções que podem causar impacto diário na díade conjugal. Contudo, o construto de qualidade da relação representa sempre uma reflexão da perceção do próprio indivíduo (Farooqi, 2014).

Não obstante, e para o que importa nesta tese, a família pode afetar a qualidade da relação dos jovens adultos, aquando da existência de conflito entre pais e filhos (Heinze et al., 2020), e o conflito interparental (Hayashi & Strickland, 1998; Singh e Tomas, 2023). Esta influência pode até causar impacto no desenvolvimento das competências interpessoais dos jovens, e também influenciar a repetição de padrões não saudáveis nos

relacionamentos da vida adulta emergente (Heinze et al., 2020). A literatura demonstra inclusive que, os jovens que experienciaram este conflito tendencialmente investem menos na sua relação amorosa, o que por consequência prejudica a qualidade da relação (Kumar & Mattanah, 2018).

A investigação também tem apresentado evidências de que os estilos de vinculação romântica têm um forte impacto no nível da qualidade das relações amorosas (Somantico et al., 2019). Outros autores apresentam inclusive que as vinculações inseguras (ansiosas e evitantes) são prejudiciais na qualidade da relação amorosa, em diferentes níveis, como a nível cognitivo, emocional e comportamental (Candel & Turliuc, 2019; Li & Chan, 2012). Quanto mais inseguro é o estilo de vinculação, mais este demonstra contribuir para uma experiência negativa e diminuição da qualidade na relação amorosa (Menchaca, 2004), ao contrário de quando o estilo de vinculação é seguro (González-Órtega et al., 2020).

Do mesmo modo, a adoção de estratégias de coping diádico positivo são outro fator que contribuem de forma significativa para o aumento da qualidade das relações amorosas (Bodenmann, 2005). Além disso, sabe-se que os níveis de qualidade da relação amorosa são mais elevados se um casal estabelecer uma vinculação romântica segura, o que contribui para uma maior predisposição em recorrer a estas estratégias de coping positivas (González-Órtega et al., 2020).

### **Coping diádico**

Os parceiros românticos desempenham um papel crucial na ajuda mútua e no contributo para lidarem com o stress quando os seus recursos individuais escasseiam ou são ineficazes (Bodenmann et al., 2016). Por esse motivo, este fenómeno tem vindo a ser enfrentado como diádico (Bodenmann, 2005), e procura-se cada vez mais compreender a forma como os casais lidam com os seus eventos de vida e respetivo stress diário (Falconier & Kuhn, 2019).

Assim, surge o conceito de coping diádico que enfatiza o envolvimento da díade na gestão do stress, e o sentimento de compromisso para manutenção diária da relação amorosa (Bodenmann, 2005; Cutrona et al., 2019; Landolt et al., 2023). A partir dos anos 90 surgiram diversos modelos de coping diádico, nomeadamente o modelo de congruência (Revenson, 1994), o modelo focado na relação (De Longis & O'Brien,

1990), o modelo de coping comum (Lyons et al., 1998), e o modelo sistémico-transacional (Bodenmann, 1995).

Neste trabalho iremos mobilizar o modelo sistémico-transacional (Bodenmann, 1995, 1997, 2005), pois este explicita melhor a qualidade das relações amorosas e o bem-estar dos parceiros (Bodenmann, 2008). Este modelo foca-se mais nos processos de coping diádico em casais que lidam com problemas e pequenos stressores diários na sua relação amorosa e o que mais tem sido utilizado na investigação (Bodenmann, 2005; Falconier et al., 2016; Falconier & Kuhn, 2019). Este modelo tem por base três pontos principais: 1) o reconhecimento de que a experiência de stress de um parceiro afeta o outro (Randall & Messerschmitt-Coen, 2019); 2) a noção de que o coping diádico é um processo contínuo; 3) e por último, a crença de que o parceiro deve ser a maior fonte de suporte em momentos de stress (Bodenmann, 2005).

Alguns estudos realizados em Portugal (e.g. Vedes et al., 2013; Vedes et al., 2015; Vedes et al., 2016) demonstraram que a adoção de comportamentos de coping diádico positivo por parte dos parceiros conduzem a uma melhor qualidade na relação amorosa, pois estas estratégias reequilibram a estabilidade do parceiro e do casal (Bodenmann, 2005; Falconier et al., 2015). Ao contrário, os comportamentos de coping diádico negativos, tanto nos homens como nas mulheres, tem como consequência uma diminuição da qualidade na relação amorosa. Esta ideia é confirmada na literatura internacional, nomeadamente nas estratégias de coping hostil e ambivalente, que conduzem a uma menor predisposição do parceiro em procurar ajuda ou partilhar as suas experiências stressoras (Randall & Messerschmitt-Coen, 2019).

Os casais com maior estabilidade e com níveis altos de qualidade utilizam com maior frequência estratégias de coping positivas quando enfrentam um evento stressor, contrariamente aos casais com fases de vida mais instáveis (Bodenmann & Cina, 2006; Putney et al., 2021). A literatura reforça esta ideia, visto que a exposição ao conflito interparental, consoante a sua intensidade e frequência conduz o indivíduo a uma menor adoção de estratégias de coping positivas em situações stressantes na sua relação amorosa (Goncy, 2020).

Relacionando também o coping diádico e a vinculação romântica a literatura evidencia que quando a vinculação romântica é segura os casais apresentam-se mais disponíveis para adoção de estratégias de coping positivas e adaptativas, contrariamente

aos casais com uma vinculação insegura, nomeadamente perante uma vinculação evitante (Falconier & Kuhn, 2019; Mota et al., 2023).

### **Presente estudo**

O presente estudo tem como objetivo analisar o papel do conflito interparental nas vinculações românticas, na qualidade da relação amorosa e na adoção de estratégias de coping diádico positivos em casais jovens adultos, no contexto português.

Embora, a nível da investigação seja reconhecido que a exposição contínua ao conflito interparental dificulta o desenvolvimento de vinculações românticas seguras (Picci et al., 2019), poucos estudos tiveram como foco a díade do casal, preocupando-se antes com a perspetiva individual de cada parceiro romântico. Por outro lado, alguns autores (e.g. Priego-Ojeda & Rusu, 2023) demonstram que quando estas vinculações românticas não são seguras, que decorreram de uma exposição maior ao conflito interparental, os jovens adultos utilizam menos estratégias positivas de coping diádico. Contudo, não existem evidências nacionais e internacionais que procurem estudar estas quatro variáveis focadas na díade/casal, esperando com este estudo enriquecer a compreensão relativamente ao casal sobre as variáveis aqui em análise e contribuir para a investigação nesta área.

Como vimos acima, Ruel e colaboradores (2020) comprovam que existem diferenças entre homens e mulheres face à intensidade da experiência de conflito interparental. Os autores mostram que a experiência de um conflito interparental intenso prejudica mais os homens comparativamente às mulheres. Deste modo, vamos analisar se este padrão se mantém no nosso estudo, colocando a hipótese 1: Espera-se que no casal existam diferenças significativas entre os homens e as mulheres relativamente ao conflito interparental. Ou seja, que a intensidade do conflito interparental seja mais elevada nos homens em comparação com as mulheres.

Por outro lado, a literatura também mostra que esta exposição ao conflito interparental influencia negativamente os estilos de vinculação romântica (Extberria et al., 2020). Os jovens que experienciaram este conflito, tendencialmente, investem menos na sua relação amorosa, o que consequentemente diminui a qualidade da relação amorosa (Kumar & Mattanah, 2018; Li et al., 2020; Sagkal & Odzemir, 2019). Por outro lado, ainda, os estilos de vinculação romântica impactam no nível de qualidade das relações amorosas (Somantico et al., 2019). Sendo que, os níveis de qualidade da relação são

mais elevados quando um casal estabelece uma vinculação romântica segura (González-Órtega et al., 2020; Sutton, 2019). No sentido de aprofundar estas evidências coloca-se a 2.<sup>a</sup> hipótese: Espera-se que exista uma relação negativa entre os conflitos interparentais e a qualidade da relação, e espera-se que a vinculação segura impacte positivamente a qualidade das relações amorosas. Assim, espera-se que a relação entre os conflitos parentais e a qualidade de relação seja mediada pelas vinculações românticas seguras.

Ainda nesta linha, Sutton (2019) mostra que os casais com uma vinculação segura apresentam uma maior qualidade das suas relações amorosas, percecionando-as de forma mais próxima e mais positiva. Sabe-se também que a adoção de comportamentos de coping diádico positivo por parte dos parceiros também potenciam uma melhor qualidade na relação amorosa (Vedes et al., 2015). Como vimos também a exposição ao conflito interparental influencia negativamente a qualidade da relação amorosa (Li et al., 2020). A literatura apresenta uma lacuna no sentido de compreendermos melhor quais são os fatores protetores e de risco da qualidade da relação amorosa. Assim, coloca-se a 3.<sup>a</sup> hipótese: Identificar quais os fatores protetores e de risco da qualidade da relação amorosa.

## **Método**

### ***Participantes***

No presente estudo participaram 89 casais heterossexuais, 178 participantes (89 homens e 89 mulheres) que têm idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos ( $M_{\text{homens}}=24.6$ ;  $DP_{\text{homens}}= 3.01$ ;  $M_{\text{mulheres}}= 24.0$ ;  $DP_{\text{mulheres}}= 3.06$ ). Relativamente às habilitações literárias dos participantes, 62,9% dos homens e 89,9% das mulheres concluíram o ensino superior e 37,1% dos homens e 10,1% das mulheres o ensino secundário. No que concerne à situação relacional dos participantes, 25% dos casais estão numa relação com a duração entre um e dois anos, apenas 15% dos casais estão numa relação com a duração entre três e quatro anos e 37% encontram-se numa relação há mais de cinco anos. Importa ainda referir que 82% dos homens e 80% das mulheres são solteiras, 7,9% dos homens e das mulheres são casados e 11% encontram-se em união de facto. A maioria dos casais (92% dos homens e 91% das mulheres) não tem filhos.

### ***Medidas***

Para a operacionalização do presente estudo foram aplicados diferentes instrumentos previamente autorizados pelos respetivos autores.

### ***Questionário sociodemográfico***

Para a recolha dos dados sociodemográficos dos participantes foi aplicado um questionário breve. No qual foi recolhida a sua idade atual, o sexo, o estatuto socioeconómico, a nacionalidade, a localidade, o estado civil, duração da relação amorosa, se tem filhos e quantos.

***Escala de Qualidade Relacional Percebida*** - Para avaliar a qualidade relacional percebida recorreu-se à versão reduzida da Escala de Qualidade Relacional Percebida (Crespo, 2007) que está validada e adaptada para a população portuguesa (Crespo, 2007). A escala original designa-se *Perceived Relationship Quality Components* e é da autoria de Fletcher e colaboradores (2000). Esta versão da escala é composta por seis itens, os quais representam os seis construtos que são avaliados: a satisfação na relação, o compromisso, a intimidade, a confiança, a paixão e o amor. Nesta medida de autorrelato, o preenchimento das respostas foi através de uma Escala tipo Likert de sete pontos em que (1) corresponde a Mesmo Nada e (7) a Extremamente, em que uma pontuação mais elevada diz respeito a maiores níveis de qualidade relacional percebida. São dois exemplos de itens “Até que ponto se empenha na sua relação?” e “Até que ponto a sua relação é apaixonada?”. Foi calculado o índice da Qualidade Relacional Percebida através da média dos seis itens que compõem a escala ( $\alpha_h = .806$ ,  $M_h = 6.326$ ,  $DP_h = .700$ ;  $\alpha_m = .890$ ,  $M_m = 6.365$ ,  $DP_m = .842$ ;  $\alpha_{Casal} = .766$ ,  $M_{Casal} = 6.35$ ;  $DP_{Casal} = .069$ ).

***Escala de Perceção sobre a Conflitualidade Interparental*** - Para avaliar as dimensões do conflito interparental foi utilizada a Escala de Perceção sobre a Conflitualidade Interparental, esta escala está adaptada e validada para a população portuguesa por Moura e colaboradores (2006). A sua versão original foi desenvolvida por Grych e colaboradores (1992) com a designação *Children's Perception of Interparental Conflict*. Esta é uma escala constituída por 48 itens que se divide em três dimensões: Propriedades do Conflito, Culpa e Ameaça, que se subdividem em nove subescalas: Frequência, com seis itens (e.g. Os meus pais insultam-se, mesmo na minha presença), Intensidade, com sete itens (e.g., Os meus pais discutem mas depois fazem as pazes) Resolução, com seis itens (e.g., Quando os meus pais têm uma discussão geralmente tentam resolvê-la), Conteúdo, Perceção de Ameaça, Eficácia, com seis itens (e.g., Eu não sei o que fazer quando os meus pais têm discussões), Culpa, com cinco itens (e.g. Eu não me sinto culpado(a) pelo facto de os meus pais discutirem), Triangulação e Estabilidade (Moura et al., 2010). Para o presente estudo não serão aplicadas as subdimensões Conteúdo, Perceção de Ameaça,

Triangulação e Estabilidade, porque não nos pareceram relevantes para a pertinência deste estudo e ainda pelo facto de serem as dimensões menos utilizadas na literatura (e.g. Braithwaite et al., 2016; Mota & Martins, 2018; Li et al., 2020). A escala varia de (1) Discordo Totalmente a (6) Concordo Totalmente. Tendo como base o trabalho dos autores (Moura et al., 2006) foi necessário inverter os itens da dimensão Propriedades do Conflito (1, 2, 4, 9, 14, 16, 19, 20, 25, 27). Foram também calculados três índices para os homens e para as mulheres, obtendo-se as Propriedades do Conflito ( $\alpha_h=.916$ ,  $M_h=3.434$ ,  $DPh=1.022$ ;  $\alpha_m=.933$ ,  $M_m=3.575$   $DPm=1.041$ ;  $\alpha_{Casal}=.912$   $M_{casal}=3.51$   $DPCasal=$ ), a Culpa ( $\alpha_h=.644$ ,  $M_h= 1.928$ ,  $DPh=.803$ ;  $\alpha_m=.737$ ,  $M_m=2.270$ ,  $DPm=1.012$ ;  $\alpha_{Casal}=.648$   $M_{casal}=2.10$   $DPCasal=.070$ ) e a Eficácia ( $\alpha_h=.684$ ,  $M_h=3.49$ ,  $DPh=.919$ ;  $\alpha_m=.784$ ,  $M_m=3.801$ ,  $DPm=.914$ ;  $\alpha_{Casal}=.703$ ;  $M_{casal}=3.64$ ;  $DPCasal=.076$ ).

***Vinculações Românticas – Esta medida é designada por Experiências nas Relações Próximas – Estruturas Relacionais (ERP-ER)*** – e foi validada e adaptada para a população portuguesa por Moreira e colaboradoras (2015), vindo da escala original *Experiences in Close Relationships – Relationship Structures (ECR-RS)* (Fraley & colaboradores, 2011). Esta escala é constituída por nove itens e subdivide-se em duas dimensões: Evitamento com seis itens (e.g. “Costumo discutir os meus problemas e preocupações com esta pessoa”) e a Ansiedade com três itens (e.g. “Tenho medo que esta pessoa possa abandonar-me”). Contudo, neste instrumento a vinculação segura também está presente quando as médias obtidas nas respostas se situam abaixo do ponto médio (3.50) nas duas dimensões (Moreira et al., 2015). Esta é uma escala de tipo Likert com sete pontos em que (1) Discordo fortemente e (7) Concordo Fortemente. Segundo o trabalho dos autores (Moreira et al., 2015) para uma adequada interpretação destas dimensões é necessária a inversão dos itens 1, 2, 3 e 4 que pertencem à escala de Evitamento. Foram calculados dois índices para os homens e para as mulheres, obtendo-se na vinculação evitante ( $\alpha_h=.690$ ,  $M_h=1.68$ ,  $DPh=.672$ ;  $\alpha_m=.862$ ,  $M_m=1.44$ ,  $DPm=.741$ ;  $\alpha_{Casal}=.803$   $M_{casal}=1.56$ ;  $DPCasal=.061$ ) e na vinculação ansiosa ( $\alpha_h=.832$ ,  $M_h=3.38$ ,  $DPh=1.72$ ;  $\alpha_m=.882$ ,  $M_m=3.21$ ,  $DPm=1.86$ ;  $\alpha_{Casal}=.730$ ;  $M_{casal}=3.30$ ;  $DPCasal=.140$ ).

***Inventário de Coping Diádico*** - a escala foi validada e adaptada para a população portuguesa por Vedes e colaboradores (2013), tendo sido a versão original desenvolvida por Bodenmann (2008), designada “*Dyadic Coping Inventory*”. É uma escala de autorrelato constituída por 37 itens, com a dimensão do coping diádico positivo

constituída por 14 itens e quatro subescalas: comunicação de stress (e.g. “Deixo o meu companheiro/a aperceber-se que eu aprecio o seu apoio prático, conselhos, ou ajuda”.) coping diádico de suporte, (e.g. “Expresso ao meu companheiro/a que estou do seu lado”, coping diádico delegado (e.g. “Quando estou demasiado ocupado(a) o meu companheiro/a ajuda-me”), coping diádico comum (e.g. “Tentamos lidar juntos com o problema e procurar soluções apropriadas”). E pela dimensão do coping diádico negativo que é constituída por oito itens e duas subescalas: coping diádico negativo por parte do parceiro (e.g. “O meu companheiro não leva o meu stress a sério”) e o coping diádico negativo por parte do próprio (e.g. “Não levo a sério o stress do meu companheiro”). E uma última subescala que é a avaliação do coping diádico (e.g. “Estou satisfeito com o apoio que recebo do meu companheiro/a e com a forma como juntos lidamos com o stress”). Nesta dimensão do coping negativo, para uma adequada interpretação dos resultados é necessário a inversão dos seus itens. No presente estudo foram retiradas as subescalas comunicação de stress e avaliação do coping diádico por serem as menos utilizadas na literatura (e.g. Iuga & Candel, 2020) e por não constarem no coping diádico positivo e negativo que são o foco do presente estudo. A escala é de tipo Likert e varia entre (1) Muito Raramente a (5) Com muita Frequência. Foram calculados dois índices: um para os homens e outro para as mulheres através da média dos itens do coping diádico negativo ( $\alpha_h=.839$ ,  $M_h=4.26$ ,  $DP_h=.668$ ;  $\alpha_m=.764$ ,  $M_m=4.36$ ,  $DP_m=.552$ ;  $\alpha_{Casal}=.824$ ,  $M_{Casal}=4.31$ ,  $DP_{Casal}=.052$ ) e outro pela média dos catorze itens do coping diádico positivo ( $\alpha_h=.906$ ,  $M_h=4.15$ ,  $DP_h=.537$ ;  $\alpha_m=.880$ ,  $M_m=4.24$ ,  $DP_m=.475$ ;  $\alpha_{Casal}=.910$ ,  $M_{Casal}=4.19$ ,  $DP_{Casal}=.044$ ).

## **Procedimento**

Os casais participantes desta amostra por conveniência foram recrutados através das redes sociais (*Facebook, Instagram e Whatsapp*), nas quais foram divulgadas durante um mês, o link para o questionário na plataforma *Qualtrics*, juntamente com uma descrição na qual estavam contemplados, os objetivos do estudo, os critérios de inclusão e a duração aproximada do preenchimento do questionário [Anexo 1].

Primeiramente foi aplicado o Consentimento Informado [Anexo 1], que continha uma breve descrição dos objetivos do estudo e os direitos do participante, como a confidencialidade, anonimato, proteção de dados, bem como a possibilidade de desistência em qualquer momento do estudo. Seguidamente, os participantes preencheram o questionário sociodemográfico [Anexo 2] e os quatro instrumentos que

incorporavam o meu estudo [Anexo 3]. A realização deste questionário tinha em média a duração de dez minutos.

Para proceder à análise dos dados foi criada de forma manual uma base de dados de medidas repetidas. Para tal foi criada a coluna do Casal que foi possível estabelecer através do código que foi solicitado a cada casal para incluir no final do seu questionário, possibilitando assim agrupar os diferentes participantes (homens e mulheres) ao seu respetivo casal o que permitiu a análise em díade no presente estudo. Para proceder à análise estatística recorreu-se ao software informático JAMOVI e SPSS. Nos quais foram criadas as respetivas dimensões para o sexo masculino, o sexo feminino e para o casal para responder às nossas hipóteses. Foi também efetuada uma matriz de correlações de Pearson, de modo a compreender melhor os nossos dados. Finalmente realizámos os respetivos testes estatísticos de modo a responder às nossas hipóteses.

## **Resultados**

Importa realçar que perante os resultados obtidos no presente estudo, e segundo os resultados da versão adaptada à população portuguesa (Moreira et al., 2015) e da versão original (Fraley et al., 2011) verificou-se que na escala da Vinculação Romântica, que varia de 1 a 7, os valores médios de ansiedade e evitamento situaram-se abaixo do ponto médio da escala (3.50) em todas as dimensões. Quando estes valores se situam abaixo do ponto médio estão presentes vinculações seguras, quando se situam acima do ponto médio estão presentes vinculações inseguras - estas podem ser ansiosas ou evitantes. Estes resultados sugerem que, no presente estudo, a maioria dos participantes reportaram uma vinculação segura na sua relação amorosa ( $M= 2.43$ ).

### **Análise de correlações bivariadas entre as variáveis**

Realizou-se uma análise de correlações bivariadas com o objetivo de explorar as relações existentes entre as variáveis em estudo no casal (Tabela 1). Quanto às correlações significativas podemos observar que a vinculação segura se relaciona positivamente com a qualidade das relações amorosas, bem como com as suas seis dimensões (satisfação, confiança, compromisso, intimidade, amor e paixão), o que nos indica que indivíduos com uma vinculação romântica segura, tem uma maior qualidade (e.g., satisfação, intimidade, paixão, etc.) nas suas relações amorosas. Verifica-se ainda uma relação positiva entre a vinculação segura e a adoção de estratégias de coping diádico positivo,

ou seja, indivíduos com uma vinculação segura adotam mais estratégias de coping diádico positivas.

No que respeita ao conflito interparental verifica-se que existe uma relação negativa e significativa entre a culpa e a qualidade da relação amorosa, e também entre a culpa e a satisfação (dimensão da qualidade da relação amorosa). O que nos indica que quanto mais culpa os casais percecionam face aos conflitos interparentais, menor será a qualidade da sua relação amorosa. Nomeadamente, quanto mais percecionada é a culpa, também menor será a satisfação (uma das seis dimensões da qualidade).

Em relação a adoção de estratégias de coping diádico positivas verificou-se uma relação positiva com a qualidade das relações amorosas (e as suas seis dimensões) indicando que quanto mais os casais adotam estratégias de coping diádico positivo verifica-se mais qualidade da relação amorosa (mais satisfação, confiança, amor, compromisso, etc.).

Foi ainda analisada as correlações com a variável duração da relação, contudo não se verificaram correlações significativas. O que indica que não existe relação entre a duração da relação e as presentes variáveis em estudo.

**Tabela 1 - Estatísticas descritivas e correlações bivariadas entre as variáveis no Casal**

	Casal													
	M	DP	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1.VSeg	2.43	.777	1											
2.PropCf	3.51	.743	n.s	1										
3.Efi	3.64	.719	n.s	.613**	1									
4.Cup	2.10	.663	n.s	.327*	.232**	1								
5. QRA	6.35	.655	.507**	n.s	n.s	-.213*	1							
6.Sat	6.24	.843	.349**	n.s	n.s	-.237*	.877**	1						
7.Comp	6.24	.802	.367**	n.s	n.s	n.s	.819**	.659**	1					
8.Inti	6.19	1.05	.376**	n.s	n.s	n.s	.759**	.558**	.538**	1				
9.Conf	6.60	.590	.473**	n.s	n.s	n.s	.642**	.556**	.343**	.295**	1			
10.Px	6.15	1.02	.438**	n.s	n.s	n.s	.915**	.820**	.742**	.615**	.515**	1		
11.Am	6.65	.580	.489**	n.s	n.s	n.s	.742**	.566**	.587**	.403**	.613**	.594**	1	
12.CDP	4.19	.414	.289**	n.s	n.s	n.s	.742**	.683**	.651**	.470**	.484**	.714**	.541**	1

**VSeg** – Vinculação Segura **Prop**- Propriedades Conflito **Efi** – Eficácia **Cp**- Culpa **QRA**- Qualidade Relações Amorosas **Sat**- Satisfação **Cop**- Compromisso **Int**- Intimidade **Cf**- Confiança **Px**- Paixão **Am**- Amor **CDP**- Coping diádico positivo \* p<0.05 \*\* p< 0.01

De modo a responder às nossas hipóteses realizamos um conjunto de testes estatísticos. Assim na hipótese 1 (*Espera-se que existam diferenças significativas entre os homens e as mulheres de cada casal relativamente ao conflito interparental*) fomos realizar um teste-t para amostras emparelhadas. Os resultados mostraram que não existem diferenças significativas entre os homens ( $M=3.13$ ) e as mulheres ( $M=3.32$ ) de cada casal relativamente à intensidade experienciada no conflito interparental. No entanto, uma análise a cada dimensão do conflito interparental permitiu observar diferenças significativas na dimensão da culpa ( $M_{homens}=1.93$ ;  $M_{mulheres}=2.27$ ;  $p=.012$ ) e da eficácia ( $M_{homens}= 3.49$ ;  $M_{mulheres}=3.80$ ;  $p=.011$ ). O sugere que as mulheres, apesar de sentirem mais culpa, adotam mais estratégias de eficácia face ao comportamento conflituoso dos pais comparativamente aos homens.

Para responder à segunda hipótese (*Espera-se que exista uma relação negativa entre os conflitos interparentais e a qualidade da relação, e espera-se que a vinculação segura impacte positivamente a qualidade das relações amorosas. Assim, espera-se que a relação entre os conflitos interparentais e a qualidade de relação seja mediada pelas vinculações românticas seguras*) verificou-se na matriz de correlações (Tabela 1) as correlações entre a vinculação romântica segura e a qualidade das relações amorosas. O que possibilitou observar que a vinculação segura se relaciona positiva e significativamente com a qualidade da relação amorosa no casal ( $r = .507, p <.01$ ).

Contudo, para a realização da mediação não foi possível recorrer a testes estatísticos de modo a concretizar os resultados desta hipótese, uma vez que a matriz de correlações (Tabela 1) evidencia que os conflitos interparentais não estão correlacionados de forma significativa com as vinculações românticas seguras, nem com a qualidade da relação amorosa.

Para responder à hipótese 3 (*Identificar quais os fatores protetores e de risco significativos da qualidade da relação amorosa*) realizamos uma análise de regressão linear hierárquica. Relativamente à nossa variável dependente, a qualidade da relação amorosa introduzimos como preditores a vinculação segura, a culpa e as estratégias de coping diádico positivo. As restantes variáveis não foram adicionadas, uma vez que, a matriz de correlações possibilitou-nos verificar que não existiam correlações significativas com a variável dependente.

O modelo de regressão detalhado na tabela 2 permitiu explicar 65% da variância total da qualidade da relação no casal ( $F(3;85) = 57.091$ ;  $p < .001$ ). Verificou-se, assim que, para o casal os preditores mais significativos da qualidade da relação amorosa são a culpa experienciada no conflito interparental ( $r^2=3,5\%$   $p= .014$ ), a vinculação romântica segura ( $r^2=30,1\%$   $p= <.001$ ) e a utilização de estratégias de coping diádico positivas ( $r^2=65,7\%$ ;  $p <.001$ ). Importa ainda salientar que, a culpa pode ser identificada como fator de risco da qualidade da relação amorosa ( $\beta= -.160$ ). Enquanto, as vinculações românticas seguras ( $\beta=.336$ ) e as estratégias de coping diádico positivas ( $\beta= .625$ ) revelam-se fatores protetores.

**Tabela 2** – *Fatores protetores e de risco da qualidade da relação amorosa do Casal*

		<i>B</i>	<i>SE B</i>	$\beta$	<i>t</i>	<i>p</i>
1	(Constant)	6,788	,228		29,825	<,001
	Culpa	-,211	,103	-,213	-2,036	,045
2	(Constant)	3,665	,568		6,455	<,001
	Culpa	-,244	,088	-,247	-2,766	,007
	VincSeg	3,229	,552	,522	5,852	<,001
3	(Constant)	,470	,521		,902	,370
	Culpa	-,158	,062	-,160	-2,522	,014
	VincSeg	2,079	,405	,336	5,128	<,001
	PDCCas	,990	,104	,625	9,485	<,001

$R^2=.65$  (N=89)

**Culpa** – Culpa **VincSeg** – Vinculação Segura **CDN** – Coping diádico negativo

### Discussão

Apesar da literatura referir evidências do impacto do conflito interparental nas vinculações românticas e na qualidade da relação amorosa, não foram encontrados muitos estudos que procurem estudar estas variáveis conjuntamente com a adoção de estratégias de coping diádico positivas. Além de que, até ao presente momento, este é também dos únicos estudos em Portugal a avaliar estas variáveis em díade conjugal. Por este motivo, o presente estudo tem como objetivo analisar o papel do conflito interparental nas vinculações românticas, na qualidade da relação amorosa e na adoção de estratégias de coping diádico positivas em casais jovens adultos, no contexto português.

Os resultados da hipótese 1 mostram que não existem diferenças significativas entre homens e mulheres relativamente à intensidade que experienciaram no conflito interparental, ao contrário do que era esperado na literatura (Ruel et al., 2020). Contudo, quando analisamos as diferenças nas diversas dimensões verificaram-se diferenças entre homens e mulheres relativamente à culpa e à eficácia percebidas no conflito interparental. O que sugere que as mulheres, apesar de sentirem-se mais culpabilizadas, adotam mais estratégias de eficácia face ao comportamento conflituoso dos pais comparativamente aos homens.

Uma possível explicação para se verificarem de forma significativa estas diferenças na culpa e na eficácia, poderá dever-se ao facto de as mulheres tenderem a sentir-se mais culpabilizadas porque percebem e compreendem mais os conflitos entre os pais (Moura & Matos, 2008; Warmuth et al., 2023) e assumem mais a responsabilidade no âmbito destes conflitos, comparativamente aos homens (Cummings et al., 1994). O que pode levar as mulheres a questionarem-se sobre como se poderão prevenir destes conflitos no seu futuro, nomeadamente nas suas relações amorosas (Keeports & Pittman, 2017). Do mesmo modo que, também leva a que procurem adotar mais estratégias de eficácia, em comparação com os homens que adotam uma postura mais evitativa na maioria das situações (Etxeberria et al., 2020).

Além de que, as mulheres tendem a ser emocionalmente mais próximas dos pais, e por esse motivo poderão sensibilizar-se mais facilmente perante estes acontecimentos conflituosos (Moura & Matos, 2008; Pereira et al., 2013). O que pode contribuir para uma dedicação de forma excessiva a solucionar estes conflitos, muitas vezes até se prejudicando a si próprias. Deste modo a hipótese 1 é parcialmente confirmada.

No que concerne à 2.<sup>a</sup> hipótese de mediação, os conflitos interparentais não se correlacionam significativamente com as vinculações românticas seguras. Como tal não exercem um papel mediador entre o conflito interparental e a qualidade das relações amorosa. De facto, os nossos resultados mostram uma relação positiva entre as vinculações seguras e a qualidade da relação amorosa, corroborando assim as evidências empíricas anteriores (Li et al., 2023). A qualidade da relação tem um nível mais elevado quando o casal estabelece uma vinculação romântica segura (González-Órtega et al., 2020, 2021; Sutton, 2019). Esta relação pode justificar-se devido aos indivíduos com uma vinculação segura perceberem a sua relação amorosa com mais confiança, segurança (Hazan & Shaver, 1987), compromisso (Sutton, 2019) e cuidado emocional. Todos estes

fatores positivos contribuem para a explicação do aumento da qualidade da relação amorosa quando a vinculação é segura.

Por outro lado, não se verificou uma relação significativa e negativa entre o conflito interparental e a qualidade das relações amorosas, não existindo assim um papel mediador das vinculações seguras nesta relação. Isto pode ser explicado devido à pouca variabilidade dos dados no presente estudo, nomeadamente nas dimensões do conflito interparental, nas vinculações seguras e na qualidade da relação amorosa. Deste modo a hipótese 2 não foi confirmada.

No que diz respeito à 3.<sup>a</sup> e última hipótese, os nossos resultados mostraram que o sentimento da culpa sentida pelos jovens adultos face aos conflitos interparentais representa um fator de risco significativo para a qualidade da relação amorosa. Assim, este sentimento influencia de forma negativa os sentimentos relativamente ao parceiro, e por consequência a sua relação amorosa. Por outro lado, por vezes, pode até induzir a repetição de padrões não saudáveis na relação amorosa, levando a um desinvestimento na relação e à diminuição da sua qualidade (Heinze et al., 2020), representando assim como um fator de risco para a relação e para a qualidade da mesma.

No que diz respeito ao fator vinculação segura, este revela-se como fator protetor da qualidade da relação amorosa, representando-se um preditor mais significativo do que a culpa. As evidências mostram-nos que um parceiro seguro sente confiança, conforto e intimidade com o seu parceiro. Indica também que um casal com uma vinculação segura demonstra mais carinho e cuidado com o seu parceiro, e estes aspetos fortalecem a relação e permitem um sentimento de felicidade na relação (Hazan & Shaver, 1994), bem como da qualidade da relação (González-Órtega et al., 2021).

Relativamente ao coping diádico positivo, este revelou-se também um fator protetor, sendo o preditor com mais impacto na qualidade da relação amorosa. Os nossos resultados corroboram as evidências de outros estudos empíricos (Falconier et al., 2015; Landolt et al., 2023). Assim, quando o parceiro adota estratégias que demonstram um apoio direto ao outro membro do casal, este irá sentir-se validado nas suas necessidades e apoiado. Este facto leva a uma maior proximidade entre o casal e potencia, quer o seu crescimento emocional, quer a qualidade da sua relação. Deste modo, o coping diádico positivo atenua os stressores diários do casal (Landolt et al., 2023), traz benefícios para o funcionamento e bem-estar da relação (Rusu et al., 2015), e reduz o sofrimento do casal,

mas também do próprio parceiro (Alves et al., 2019), o que se reflete numa maior qualidade da relação amorosa.

Sintetizando o que se disse anteriormente, a vinculação segura e as estratégias de coping diádico positivo revelam-se como os fatores protetores da qualidade da relação amorosa do casal. O que destaca a importância da utilização de estratégias de coping diádico positivo na relação amorosa como ferramenta promotora da manutenção da vinculação romântica segura entre o casal e com um efeito positivo na qualidade da sua relação amorosa.

### **Limitações e estudos futuros**

O presente estudo deve ser considerado tendo em conta as limitações aqui apresentadas. Primeiramente, apontamos para a impossibilidade de generalizar estes resultados pois existiu uma reduzida variabilidade dos dados, que pode dever-se ao facto de o questionário ter sido aplicado em formato online. O que impossibilitou um maior controlo do estudo, não permitindo a verificação de que todas as respostas foram realizadas individualmente como solicitado nas instruções do questionário. E também, poderá ter limitado as próprias respostas dos participantes devido à deseabilidade social. Além de que, a amostra foi muito centralizada entre a faixa etária dos 21 aos 24 anos, sendo que a amostra que se pretendia estudar estava compreendida entre os 18 e os 35 anos. Esta amostra centralizada impediu obter as perspetivas de uma parte desta faixa etária, nomeadamente dos 25 aos 35 anos.

Por último, importa referir que a aplicação da escala da vinculação romântica, a escala *Experiências nas Relações Próximas* (Moreira et al., 2015) impossibilitou um estudo mais aprofundado dos três tipos de vinculação romântica, parecendo não ser possível aceder às vinculações inseguras. A ideia inicial era efetivamente o estudo da vinculação insegura, contudo os resultados não permitiram que tal sucedesse. Uma escala que permita avaliar as vinculações inseguras e seguras parece ser um desafio para estudos futuros.

Ainda relativamente a estudos futuros parece-nos importante continuar a investigação com casais, mas estendendo a investigação a casais de outras orientações sexuais, de modo a enriquecer a compreensão destas dimensões/variáveis em outras configurações de relação conjugal. Outro aspeto relevante a avaliar seria, se no espaço de tempo em que os participantes viveram com os pais e/ou atualmente, os participantes

frequentaram sessões de psicoterapia, de modo, a compreender se isso poderá de alguma forma enviesar os resultados ao nível da experiência de conflito interparental.

A utilização de metodologias de natureza longitudinal será também útil, de modo a avaliar se o papel do conflito interparental nos jovens adultos se mantém, ou se sofre alterações no decurso do seu desenvolvimento e os respetivos impactos nas suas relações amorosas. Na impossibilidade da realização de um estudo longitudinal, seguindo a mesma lógica poderá ser considerado a realização de análises em diferentes períodos da relação amorosa, como a entrada na parentalidade (gestação e pós-parto) ou em períodos de maior stress (e.g. crise financeira, infidelidade, perda de um ente querido).

### **Implicações Práticas**

As vinculações românticas, a qualidade da relação e a utilização de estratégias de coping diádico positivas nas relações amorosas dos jovens adultos, e a forma como estes as vivenciam, pode ter implicações para a prática clínica.

Assim este estudo permite refletir sobre a importância de potenciar intervenções terapêuticas em que considera e procura compreender melhor os estilos de vinculação romântica dos casais em terapia. Pois, estes estilos têm diversas implicações no dia-a-dia do casal, e também na forma como os parceiros utilizam as estratégias de coping diádico e promovem a qualidade da relação amorosa no contexto de acontecimentos de vida stressantes (Falconier & Kuhn, 2019; Sommantico et al., 2019).

O coping diádico positivo tem um contributo importante no presente estudo, como fator protetor das relações amorosas. Por isso, à luz dos resultados obtidos nesta investigação, em situações que se possa identificar consequências negativas ao nível dos conflitos interparentais, nomeadamente a culpa e/ou das vinculações românticas, que estejam associadas a eventos negativos atuais ou que ocorreram no passado, um dos focos de intervenção poderá passar por potencializar estratégias de coping diádico positivas. Reforçando a ideia de que estas estratégias deverão ser realizadas pelo próprio, assim como em casal, de modo a minimizar a utilização das estratégias de coping diádico negativas.

## Referências

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of strange situation*. Hillsdale, NJ, Erlbaum.
- Alves S, Milek A, Bodenmann G, Fonseca A, Canavarro MC, Pereira M. (2019) Romantic attachment, dyadic coping, and parental adjustment across the transition to parenthood. *Pers Relationship*, 26:286–309.  
<https://doi.org/10.1111/pere.12278>
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American psychologist*, 55(5), 469.  
<https://doi.org/10.1037//0003-066X.55.5.469>
- Arnett, J. J. (2004). *Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties*. Oxford University Press.
- Bodenmann, G. (1995). A systemic-transactional conceptualization of stress and coping in couples. *Swiss Journal of Psychology*, 54(1), 34–49.
- Bodenmann, G. (1997). Dyadic coping—a systemic-transactional view of stress and coping among couples: Theory and empirical findings. *European Review of Applied Psychology*, 47, 137–140.
- Bodenmann, G. (2005). Dyadic Coping and Its Significance for Marital Functioning. In T. A. Revenson, K. Kayser, & G. Bodenmann (Eds.), *Couples coping with stress: Emerging perspectives on dyadic coping* (pp. 33–49). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037.org/10.1037/11031-002>
- Bodenmann, G. (2008). *Dyadic Coping Inventory (DCI). Test Manual*. Retrieved from Bern/Göttingen.
- Bodenmann, G., & Cina, A. (2006). Stress and coping among stable-satisfied, stable-distressed and separated/divorced Swiss couples: A 5-year prospective longitudinal study. *Journal of Divorce & Remarriage*, 44, 71–89.  
[https://doi.org/10.1300/J087v44n01\\_04](https://doi.org/10.1300/J087v44n01_04)
- Bodenmann, G., Randall, A. K., & Falconier, M. K. (2016). Coping in couples: The Systemic Transactional Model (STM). In M. K. Falconier, A. K. Randall, & G. Bodenmann (Eds.), *Couples coping with stress: A cross-cultural perspective* (pp. 5–22). Routledge/Taylor & Francis Group.
- Bowlby J. (1969). *Attachment and Loss: Vol. 1. Attachment*. New York: Basic Books; 1969.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss. Vol. 2: Separation: anxiety and anger*. New York, NY: Basic Books.
- Braithwaite, S. R., Doxey, R. A., Dowdle, K. K., & Fincham, F. D. (2016). The unique influences of parental divorce and parental conflict on emerging adults in

- romantic relationships. *Journal of Adult Development*, 23(4), 214–225.  
<https://doi.org/10.1007/s10804-016-9237-6>
- Canavarro, M. C., Dias, P., & Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (ASS-R) na população portuguesa. *PSICOLOGIA*, 20(1), 156–186.  
<https://doi.org/10.17575/rpsicol.v20i1.381>
- Candel, O. S., & Turliuc, M. N. (2019). Insecure attachment and relationship satisfaction: A meta-analysis of actor and partner associations. *Personality and Individual Differences*, 147, 190-199. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.04.037>
- Correia, F., & Mota, C. P. (2016). Ambiente familiar e qualidade da vinculação amorosa—papel mediador da individuação em jovens adultos. *Análise Psicológica*, 34(1), 15-29. <https://doi.org/10.14417/ap.1018>
- Crespo, C., Davide, I. N., Costa, M. E., & Fletcher, G. J. (2007). Family rituals in married couples: Links with attachment, relationship quality, and closeness. *Personal Relationships*, 15, 191-203.  
<https://doi.org/10.1177/0146167200265007>
- Crowell, J., Fraley, R., & Shaver, P. (2008). Measurement of individual differences in adolescent and adult attachment. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 599–634). New York, NY: Guilford Press.
- Cui, M., & Fincham, F. D. (2010). The differential effects of parental divorce and marital conflict on young adult romantic relationships. *Personal relationships*, 17(3), 331-343. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2010.01279.x>
- Cummings, M., Davies, P., & Simpson, K. (1994). Marital Conflict, gender, and children’s appraisals and coping efficacy as mediators of child adjustment. *Journal of Family Psychology*, 8(2), 141–149. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.8.2.141>
- Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2010). *Marital conflict and children: An emotional security perspective*. Guilford Press.
- Cutrona, C., Bodenmann, G., Randall, A. K., Clavel, F., & Johnson, M. (2019). Stress, dyadic coping, and social support: Moving toward integration. In A. Vangelisti & D. Perlman (Eds.), *The Cambridge handbook of personal relationships* (pp. 341–352). Cambridge: Cambridge University Press.
- DeLongis, A., and O’Brien, T. B. (1990). An interpersonal framework for stress and coping: an application to the families of Alzheimer’s patients (Eds.), *Stress and Coping in Later-Life Families* (221-239). Hemisphere.
- Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crisis*. New York, NY: W.W. Norton.
- Etxeberria, K., Eceiza, A., Garneau-Rosner, C., & Adler-Baeder, F. (2020). Parental divorce and interparental conflict: Spanish young adults’ attachment and

- relationship expectations. *The Spanish Journal of Psychology*, 23, e42.  
<https://doi.org/10.1017/SJP.2020.38>
- Falconier, M. K., Jackson, J., Hilpert, J., & Bodenmann, G. (2015). Dyadic coping and relationship satisfaction: A meta-analysis. *Clinical Psychology Review*, 42, 28–46. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2015.07.002>
- Falconier, M. K., Randall, A. K., & Bodenmann, G. (Eds.). (2016). *Couples coping with stress: A cross-cultural perspective*. Routledge.
- Falconier, M. K., & Kuhn, R. (2019). Dyadic coping in couples: A conceptual integration and a review of the empirical literature. *Frontiers in Psychology*, 10, Article 571. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.00571>
- Farooqi, S. R. (2014). The Construct of Relationship Quality. *Journal of Relationships Research*, 5, 2nd, 1-11.
- Fermani, A., Bongelli, R., Carrieri, A., del Moral Arroyo, G., Muzi, M., & Portelli, C. (2019). “What is more important than love?” Parental attachment and romantic relationship in Italian emerging adulthood. *Cogent Psychology*, 6(1), 1693728. <https://doi.org/10.1080/23311908.2019.1693728>
- Fincham, F. D., & Cui, M. (Eds.). (2010). *Romantic relationships in emerging adulthood*. Cambridge University Press.
- Fletcher, G. J., Simpson, J. A., & Thomas, G. (2000). The measurement of perceived relationship quality components: A confirmatory factor analytic approach. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26(3), 340-354. <https://doi.org/10.1177/0146167200265007>
- Fraley, R. C., Heffernan, M. E., Vicary, A. M., & Brumbaugh, C. C. (2011). The Experiences in Close Relationships–Relationship Structures questionnaire: A method for assessing attachment orientations across relationships. *Psychological Assessment*, 23, 615–625. <https://doi.org/10.1037/a0022898>
- Fuenfhausen, K. K., & Cashwell, C. S. (2013). Attachment, stress, dyadic coping, and marital satisfaction of counseling graduate students. *The Family Journal*, 21(4), 364-370. <https://doi.org/10.1177/10664807134885>
- Gager, C. T., Yabiku, S. T., & Linver, M. R. (2016). Conflict or divorce? Does parental conflict and/or divorce increase the likelihood of adult children's cohabiting and marital dissolution? *Marriage & Family Review*, 52(3), 243–261. <https://doi.org/10.1080/01494929.2015.1095267>
- Gamarel, K. E., Comfort, M., Wood, T., Neilands, T. B., & Johnson, M. O. (2015). A qualitative analysis of male couples’ coping with HIV: Disentangling the “we”. *Journal of Health Psychology*, 21, 2125–2137. <https://doi.org/10.1177/1359105315571975>

- Goncy, E. A. (2020). A meta-analysis of interparental aggression with adolescent and young adult physical and psychological dating aggression. *Psychology of Violence, 10*(2), 212–222. <https://doi.org/10.1037/vio0000266>
- González-Ortega, E., Orgaz-Baz, B., Vicario-Molina, I., & Martín, A. F. (2020). Adult attachment style combination, conflict resolution and relationship quality among young-adult couples. *Terapia Psicológica, 38*(3), 303–316. <https://doi.org/10.4067/S0718-48082020000300303>
- González-Ortega, E., Orgaz, B., Vicario-Molina, I., & Fuertes, A. (2021). Adult attachment, conflict resolution style and relationship quality among Spanish young-adult couples. *The Spanish Journal of Psychology, 24*. <https://doi.org/10.1017/SJP.2021.4>
- Grych J. H., & Fincham, F. D. (1990). Marital conflict and children's adjustment: A cognitive-contextual framework. *Psychological Bulletin, 108*, 267-290. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.108.2.267>
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (1992). Interventions for children of divorce: Toward greater integration of research and action. *Psychological Bulletin, 111*(3), 434. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.111.3.434>
- Hamilton, C. E. (2000). Continuity and discontinuity of attachment from infancy through adolescence. *Child Development, 71*(3), 690–694. <https://doi.org/10.1111/14678624.00177>
- Hayashi, G., & Strickland, B. R. (1998). Long-term effects of parental divorce on love relationships: Divorce as attachment disruption. *Journal of Social and Personal Relationships, 15*, 23-38. <https://doi.org/10.1177/0265407598151002>
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of personality and social psychology, 52*(3), 511. <https://doi.org/10.4324/9781351153683-17>
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry, 5*(1), 1–22. [https://doi.org/10.1207/s15327965pli0501\\_1](https://doi.org/10.1207/s15327965pli0501_1)
- Heinze, J. E., Hsieh, H. F., Aiyer, S. M., Buu, A., & Zimmerman, M. A. (2020). Adolescent family conflict as a predictor of relationship quality in emerging adulthood. *Family Relations, 69*(5), 996-1011. <https://doi.org/10.1111/fare.12493>
- Hoare, H. C. (2002). *Erikson on Development in Adulthood: New Insights from the Unpublished Papers*. Oxford University Press.
- Iuga, F. I., & Candel, O. S. (2020). Does dyadic coping mediate the association between attachment and relational outcomes?. *Annals of the Al. I. Cuza University, Psychology Series, 29*.

- Keepports, C. R., & Pittman, L. D. (2017). I wish my parents would stop arguing! The impact of interparental conflict on young adults. *Journal of Family Issues*, 38(6), 839-857. <https://doi.org/10.1177/0192513X15613821>
- Kochendorfer, L. B., & Kerns, K. A. (2020). A meta-analysis of friendship qualities and romantic relationship outcomes in adolescence. *Journal of Research on Adolescence*, 30(1), 4-25. <https://doi.org/10.1111/jora.12505>
- Kumar, S. A., & Mattanah, J. F. (2018). Interparental conflict, parental intrusiveness, and interpersonal functioning in emerging adulthood. *Personal Relationships*, 25(1), 120-133. <https://doi.org/10.1111/perc.12231>
- Landolt, S. A., Weitkamp, K., Roth, M., Sisson, N. M., & Bodenmann, G. (2023). Dyadic coping and mental health in couples: A systematic review. *Clinical Psychology Review*, 102344. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2023.102344>
- Li, T., & Chan, D. K. S. (2012). How anxious and avoidant attachment affect romantic relationship quality differently: A meta-analytic review. *European Journal of Social Psychology*, 42(4), 406-419. <https://doi.org/10.1002/ejsp.1842>
- Li, D., Li, D., & Yang, K. (2020). Interparental conflict and Chinese emerging adults' romantic relationship quality: Indirect pathways through attachment to parents and interpersonal security. *Journal of Social and Personal Relationships*, 37(2), 414-431. <https://doi.org/10.1177/0265407519865955>
- Li, D., Chen, Z., Li, D., Lyu, Y., & Wang, C. (2023). Interparental Conflict and Young Adults' Romantic Relationship Quality: Mediating Pathways Through Parental and Romantic Attachment and Gender Differences. *Journal of Adult Development*, 1-13. <https://doi.org/10.1007/s10804-022-09437-0>
- Li, S., Ma, X., & Zhang, Y. (2023). Intergenerational transmission of aggression: a meta-analysis of relationship between interparental conflict and aggressive behavior of children and youth. *Current Psychology*, 1-16. <https://doi.org/10.1007/s12144-022-04219-z>
- McLeod, S., Berry, K., Hodgson, C., & Wearden, A. (2020). Attachment and social support in romantic dyads: A systematic review. *Journal of clinical psychology*, 76(1), 59-101.
- Menchaca, D. A. (2004). *The association between positive and negative relationship quality and attachment style*. Idaho State University.
- Moreira, H., Martins, T., Gouveia, M. J., & Canavarro, M. C. (2015). Assessing adult attachment across different contexts: Validation of the Portuguese version of the Experiences in Close Relationships–Relationship Structures Questionnaire. *Journal of personality assessment*, 97(1), 22-30. <https://doi.org/10.1080/00223891.2014.950377>

- Moura, O., Santos, R. A., & Matos, P. M. (2006). The Children's Perception of Interparental Conflict Scale (CPIC): Análise Factorial Confirmatória com Adolescentes e Jovens Adultos. Poster apresentado na XI Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos. Braga, Portugal: Universidade do Minho.
- Moura, O., & Matos, P. M. (2008). Vinculação aos pais, divórcio e conflito interparental em adolescentes. *Psicologia*, 22(1), 127-152. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v22i1.341>
- Moura, O., dos Santos, R. A., Rocha, M., & Matos, P. M. (2010). Children's Perception of Interparental Conflict Scale (CPIC): Factor structure and invariance across adolescents and emerging adults. *International Journal of Testing*, 10(4), 364-382. <https://doi.org/10.1080/15305058.2010.487964>
- Morry, M. M., Reich, T., & Kito, M. (2010). How do I see you relative to myself? Relationship quality as a predictor of self-and partner-enhancement within cross-sex friendships, dating relationships, and marriages. *The Journal of Social Psychology*, 150(4), 369–392. <https://doi.org/10.1080/00224540903365471>
- Mota, C. P., & Martins, C. (2018). Vinculação aos pais e relação amorosa: Papel mediador dos conflitos interparentais em jovens adultos. *PSICOLOGIA*, 32, 1-14. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v32i1.1225>
- Mota, C. P., Martins, C., & Santos, B. (2023). Vinculação amorosa, conflitos interparentais e sintomatologia psicopatológica: contribuição para os conflitos no namoro em jovens adultos. *Actualidades en Psicología*, 37(134). <https://dx.doi.org/10.15517/ap.v37i134.45294>
- Mullinax, H. M., & Turner, L. A. (2024). Parental psychological control, early maladaptive schemas, and romantic attachment in emerging adults. *Current Psychology: A Journal for Diverse Perspectives on Diverse Psychological Issues*, 43(10), 8589–8601. <https://doi.org/10.1007/s12144-023-05012-2>
- Organização Mundial de Saúde. (2004). Prevention of mental disorders: Effective interventions and policy options: Summary report/a report of the World health organization Dept. of mental health and substance abuse; in collaboration with the prevention research centre of the universities of Nijmegen and Maastricht. World Health Organization. <https://www.who.int/iris/handle/10665/43027>
- Pavon, M., Wagner Jakab, A., & Löw, A. (2024). Exploring relationship satisfaction in mothers of children with disabilities: the predictive role of interparental conflicts and moderating role of dyadic coping. *Frontiers in Psychiatry*, 14, 1307827. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2023.1307827>
- Pereira, M. D. G., Ferreira, G., & Paredes, A. C. (2013). Apego aos pais, relações românticas, estilo de vida, saúde física e mental em universitários. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26, 762-771. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000400017>

- Picci, G., Griffin, A. M., Reiss, D., & Neiderhiser, J. M. (2019). Parent–adolescent conflict and young adult romantic relationship negativity: Genetic and environmental influences. *Journal of Family Psychology, 33*(1), 34-43. <https://doi.org/10.1037/fam0000476>
- Ponti, S., Guarnieri, S., Smorti, A., & Tani, F. (2010). A measure for the study of friendship and romantic relationship quality from adolescence to early-adulthood. *Open Psychology Journal, 3*, 76-87. <https://doi.org/10.2174/1874350101003010076>
- Priego-Ojeda, M., & Rusu, P. P. (2023). Emotion regulation, parental stress and family functioning: Families of children with disabilities vs normative families. *Research in Developmental Disabilities, 139*, 104548. <https://doi.org/10.1016/j.ridd.2023.104548>
- Putney, J. M., Greenlee, J. L., & Hartley, S. L. (2021). Use and benefit of dyadic coping for couple relationship satisfaction in parents of children with autism. *Family process, 60*(4), 1331-1346. <https://doi.org/10.1111/famp.12617>
- Randall, A. K., & Messerschmitt-Coen, S. (2019). Dyadic coping as relationship maintenance. In *Relationship maintenance: Theory, process, and context* (pp. 178-193). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781108304320.010>
- Rasheed, J., & Rasheed, M. (2011). *Family therapy: Models and techniques*. Los Angeles: SAGE Publications.
- Rauer, A. J., & Volling, B. L. (2007). Differential parenting and sibling jealousy: Developmental correlates of young adults' romantic relationships. *Personal Relationships, 14*, 495-511. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2007.00168.x>
- Revenson, T. A. (1994). Social support and marital coping with chronic illness. *Ann. Behav. Med. 16*, 122–130.
- Riggio, H. R. (2004). Parental marital conflict and divorce, parent-child relationships, social support, and relationship anxiety in young adulthood. *Personal Relationships, 11*(1), 99–114. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2004.00073.x>
- Rossier, J., Rigozzi, C., Charvoz, L., & Bodenmann, G. (2006). Marital satisfaction: Psychometric properties of the PFB and comparison with the DAS. *Swiss Journal of Psychology / Schweizerische Zeitschrift für Psychologie / Revue Suisse de Psychologie, 65*(1), 55–63. <https://doi.org/10.1024/1421-0185.65.1.55>
- Ruel, C., Lavoie, F., Hébert, M., & Blais, M. (2020). Gender's Role in Exposure to Interparental Violence, Acceptance of Violence, Self-Efficacy, and Physical Teen Dating Violence Among Quebec Adolescents. *Journal of Interpersonal Violence, 35*(15–16), 3079–3101. <https://doi.org/10.1177/0886260517707311>
- Rusu, P. P., Hilpert, P., Beach, S. R., Turliuc, M. N., & Bodenmann, G. (2015). Dyadic coping mediates the association of sanctification with marital satisfaction and

being. *Journal of Family Psychology*, 29(6), 843.  
<http://dx.doi.org/10.1037/fam0000108>

Sagkal, A. S., & Özdemir, Y. (2019). Interparental conflict and emerging adults' couple satisfaction: The mediating roles of romantic relationship conflict and marital attitudes. *Başkent University Journal of Education*, 6(2), 181-191. Retrieved from <https://buje.baskent.edu.tr/index.php/buje/article/view/202>

Shanoora, A., Hamsan, H. H., Abdullah, H., & Khir, A. M. (2020). Which is Worse; Divorce or Conflict? Parental Divorce, Interparental Conflict, and its Impact on Romantic Relationship Quality of Young Dating Adults in the Maldives. *International Journal of Academic Research in Business and Social Sciences*, 10(15), 325–339. <https://doi.org/10.6007/IJARBS/v10-i15/8253>

Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2006). Attachment theory, individual psychodynamics, and relationship functioning. In A. L. Vangelisti & D. Perlman (Eds.), *the Cambridge handbook of personal relationships* (pp. 251–267). New York, NY: Cambridge University Press.

Shazra, A., & Riyaz, A. (2022). Parental divorce as a predictor of attachment style in children's adult intimate relationships: evidence from the Maldives. *The Maldives National Journal of Research*, 10(1), 7-32.  
<https://doi.org/10.62338/pndyrx93>

Singh, S., & Thomas, E. (2023). Interparental conflict and young adult romantic relationships: A systematic review. *Trauma, Violence, & Abuse*, 24(4), 2630-2647. <https://doi.org/10.1177/15248380221109787>

Sommantico, M., Donizzetti, A. R., Parrello, S., & De Rosa, B. (2019). Predicting young adults' Romantic relationship quality: Sibling ties and adult attachment styles. *Journal of Family Issues*, 40(5), 662-688.  
<https://doi.org/10.1177/0192513X18820381>

Sutton (2019) Review of Attachment Theory: Familial Predictors, Continuity and Change, and Intrapersonal and Relational Outcomes, *Marriage & Family Review* 55(1), 1-22. <https://doi.org/10.1080/01494929.2018.1458001>

Tolmacz, R., Bachner-Melman, R., Lev-Ari, L., & Almagor, K. (2022). Interparental conflict and relational attitudes within romantic relationships: The mediating role of attachment orientations. *Journal of Social and Personal Relationships*, 39(6), 1648-1668. <https://doi.org/10.1177/02654075211061617>

Turner, H. A., & Kopiec, K. (2006). Exposure to interparental conflict and psychological disorder among young adults. *Journal of Family Issues*, 27(2), 131-158. <https://doi.org/10.1177/0192513X05280991>

Vedes, A., Nussbeck, F. W., Bodenmann, G., Lind, W., & Ferreira, A. (2013). Psychometric properties and validity of the Dyadic Coping Inventory in Portuguese. *Swiss Journal of Psychology*, 72, 149–157.  
<https://doi.org/10.1024/1421-0185/a000108>

- Vedes, A., Bodenmann, G., Nussbeck, F. W., Randall, A. K., & Lind, W. (2015). The role of we-ness in mediating the association between dyadic coping and relationship satisfaction. *Family Science*.
- Vedes, A. M., Pedro, M. F., Patrão, I. M., Albuquerque, S. M., Ramalho, S. C., Pereira, M. D., Davide, I. N., Pinto, A. M., & Ribeiro, M. T. (2016). Dyadic coping in Portuguese couples. In M. K. Falconier, A. K. Randall, & G. Bodenmann (Eds.), *Couples coping with stress: A cross-cultural perspective* (pp. 105–121). Routledge/Taylor & Francis Group.
- Warmuth, K. A., DeCapua, A. M., & Fielding, A. M. (2023). Emerging Adults' Perceptions of and Responses to Interparental Conflict. *Journal of Child and Family Studies*, 33(4), 1043-1057. <https://doi.org/10.1007/s10826-023-02582-4>
- Waters, E., & Cummings, E. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child Development*, 71, 1-13. <https://dx.doi.org/10.1111/14678624.00130>
- Waters, E., Merrick, S., Trebouse, D., Corwell, J., & Albersheim, L. (2000). Attachment security in infancy and early adulthood: A twenty-year longitudinal study. *Child Development*, 71(3), 684–689. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00176>
- Zhao, J., Tibber, M. S., & Butler, S. (2023). The association between materialism and perceived relationship quality in young adults. *Current Psychology, A Journal for Diverse Perspectives on Diverse Psychological Issues*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1007/s12144-022-03353-y>